

Armando de Menezes



e sua posse na
Academia Amazonense de Letras

Biblioteca Pública do Estado de Amazonas
DOAÇÃO
Feita *Armando G. de Menezes*
Em *30/10/2002*

Armando de Menezes

Biblioteca do Estado do Amazonas

DOAÇÃO DE:

Armando Andrade de Menezes

SETEMBRO - 2002

*e sua posse na
Academia Amazonense de Letras*



BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO
MANAUS - AMAZONAS

Manaus, 12 de maio de 1998



O Presidente da Academia Amazonense de Letras,
Robério dos Santos Pereira Braga,
convida Vossa Excelência e Família
para a sessão solene de posse de
Armando Andrade de Menezes
na Cadeira n.º 30
de que é patrono o escritor
Tristão de Alencar Araripe Júnior.

O discurso de saudação será proferido pelo
acadêmico *Amadeu Thiago de Mello*.

Data: 12 de maio de 1998

Local: Academia Amazonense de Letras
Rua Ramos Ferreira 1009, Centro

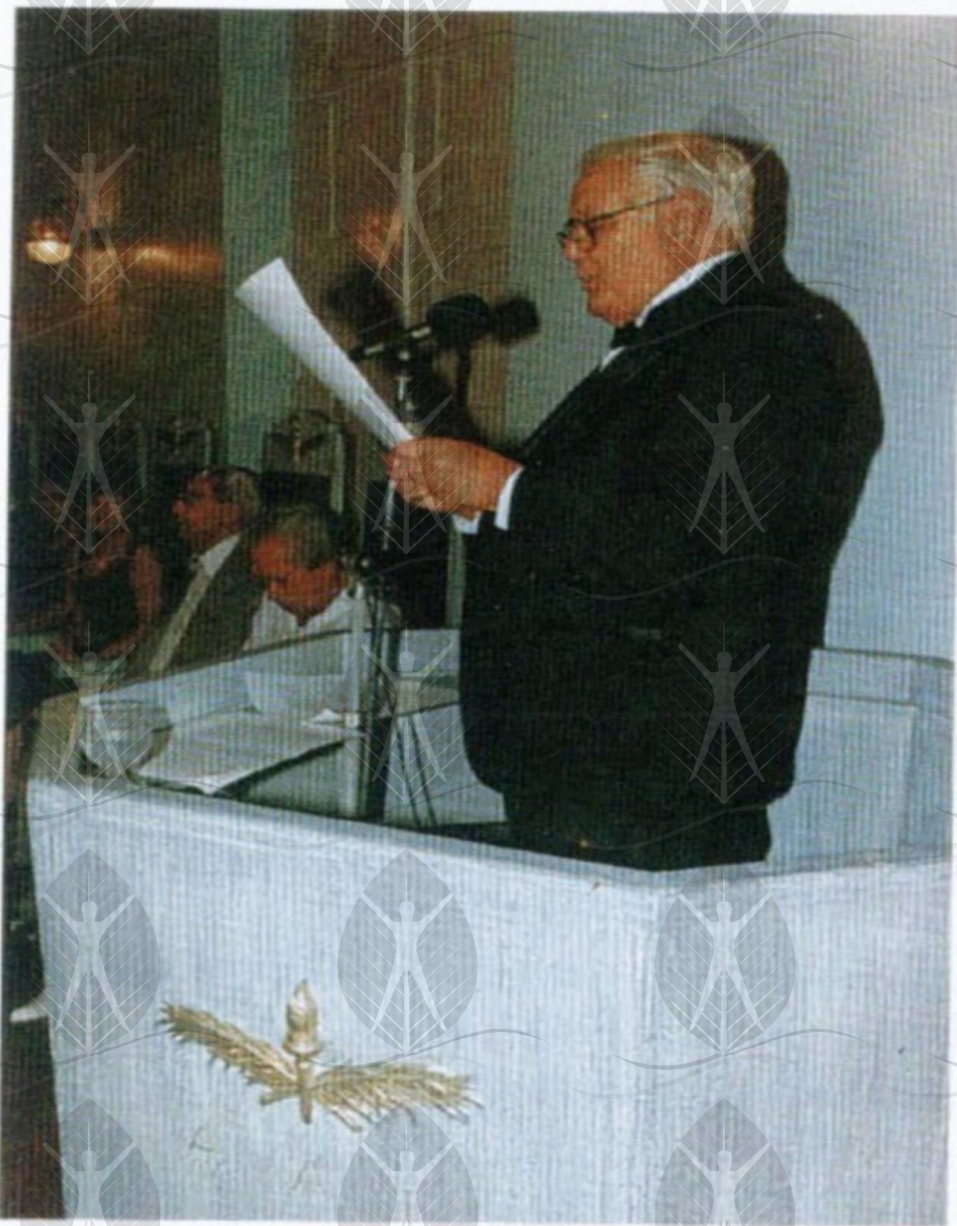
Hora: 20h

Traje: Passeio completo

Coquetel: Da Vinci Hotel



*Discurso
de Posse*



*Acadêmico
Armando Andrade de Menezes*



Senhores Acadêmicos:

Permiti inicialmente uma invocação de amor.

Nesta data, nos idos dos anos de 1895, nascia, na cidade de Parintins, no Médio-Amazonas, DELFINA ANDRADE DE MENEZES que, ornada de peregrinas virtudes, se tornaria Santa em vida.

Por todo o correr de sua preciosa existência jamais deixara de ser um armazenamento de boas causas, um verdadeiro sacrário da humildade, da bondade, do carinho, da honradez, da paciência, mas da obstinação também, instrumentos de que se valera para, ao lado do marido – TUDE HENRIQUES DE MENEZES –, ajudar na criação e educação dos dez filhos, fazer amigos e admiradores, muitos dos quais se transformando até em parentes e que foram, para seu conforto pessoal e alegria dos irmãos MENEZES, seus “sobrinhos” e “netos”.

Aqui mesmo, nesta Augusta Casa, defronto-me com eminentes acadêmicos que dela se tornaram familiares ou a ela se afeiçoaram pelo coração.

Todos os filhos do erudito professor de Direito e admirável escritor que é Oyama César Ituassú da Silva a tratavam carinhosamente por “Vovó Santa”; o amigo de infância Amadeu, que outro não é se não o festejado e aureolado poeta Thiago de Mello, sempre afirmara que por suas ternas mãos bebera leite e tomara mingau; do jornalista de escol~~a~~ e renomado escritor Arlindo Porto, todos os MENEZES guardamos, com sublime emoção, a repercussão da primorosa entrevista que com ela fizera e publicara no “Dia das Mães”, em página inteira do jornal “A Crítica”, no domingo de 14 de maio de 1989, sob a sugestiva e enobrecedora titulação: “SANTA MENEZES – Uma Mãe que é SANTA até no Nome”; do historiador percuciente, orador primoroso e talentoso homem de letras Robério Braga ainda dispomos, nos nossos corações, a candura de seus conceitos contidos em crônica que dera a lume a 17 de fevereiro de 1992, no jornal “A Crítica”, após o seu falecimento, ocorrido a 13 daquele mês e ano, no qual, levando o título de “SANTA MENEZES”, encerra tudo aquilo que dela estamos tentando sintetizar com estas afirmativas:

– “É hora de romper este ciclo e rompê-lo com quem viveu em amor, construindo uma família exemplar, atuando como símbolo de uma época e do seu tempo, sem exercer o poder temporal de mando mas catalizando atenções e honras pela dedicação com que se houve sempre para com os seus, para com a cidade, com a Igreja à qual devotava sua fé, reunindo amigos e herdeiros em derredor de sua bondade e de sua mansidão amiga, aliada à presteza de sua memória e ao estímulo de seu carinho maternal para com todos que dela se acercavam: Dona Santa Menezes”.

Da amada SANTA em vida, tão pródiga no bem-fazer, nos ficara, por seu trespasse, a convicção de que continuava santificada, pois essa certeza mais aflorara pela manifestação de acatado religioso, o saudoso Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, vernaculista excelso e ilustre membro deste Silogeu, que, em registro também no jornal “A Crítica”, de 21 de fevereiro de 1992, comentando o seu desaparecimento, ressalta:

– “Nunca vi um apelido tão bem adequado, porque na verdade ela foi uma verdadeira SANTA, já canonizada em vida pela legião de amigos que muito a estimavam”.

E mais adiante, depois de outras formulações:

– “Não apresento pêsames à família porque todos sabemos que a matriarca está com Deus: mais uma SANTA no Céu!”

Obrigado, Senhor Presidente Robério Braga, pelo atendimento a pedido meu, para que a sessão de minha assunção neste Sodalício se verificasse na data de aniversário de minha Santa Mãe.

A caminhada até a Academia

Dou, de mim, alguns dados indicativos do conhecimento amalhado no percurso de uma vida construída sob sacrifício, como acontece com os filhos pobres oriundos do interior que aportam à Capital na busca de melhor escolaridade.

Acadêmico de Direito, militei, com desenvoltura, na atividade política estudantil, como dirigente maior, por dois mandatos, da União dos Estudantes do Amazonas, e, na partidária, como Presidente do Departamento Estudantil da União Democrática Nacional, no Estado.

Por esse tempo e como acontecia com colegas universitários trabalhei como repórter de jornal, o que me ensejou um relacionamento amadurecido com autoridades, políticos, pessoas gradas, comerciantes e industriais, além da facilidade e do aligeiramento redacional.

Ao depois, já com rumo definido, exerci, por longo tempo, o magistério secundário, como professor de História do Brasil no Instituto de Educação do Amazonas, e, também, por mais de quatro décadas, o Ministério Público e o Colegiado, como Juiz, ambos no Tribunal de Contas do Estado.

Resultante do exercício consciente e responsável dessas obrigações funcionais, que me levaram ao estudo, a pesquisas constantes e a produções delas decorrentes, mereci, sempre por amável deferência, participar de dois outros Templos do saber de nossa terra: o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e a Academia Amazonense de Letras Jurídicas.

Ao tomar posse a 25 de março de 1981 da Poltrona n.º 39 do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e da qual é Patrono o inesquecível Mestre Vivaldo Palma Lima, que daqui também foi parte cintilante, era seu Presidente o Dr. Robério Braga, preclaro dirigente desta Arcádia, sendo que o atual titular daquela Instituição – o IGHA – é o ilustrado acadêmico Arlindo Porto.

De outro lado, a Academia Amazonense de Letras Jurídicas, com atividade a partir de 08 de dezembro de 1987, tem-me como seu sócio fundador, ocupante da Cadeira n.º 03, da qual é Patrono o meu sempre lembrado e pranteado irmão Prof. Aderson Andrade de Menezes que foi, em vida, integrante deste Silogeu. Era então seu Presidente, por sinal com exercício continuado até o presente momento, esse espírito luzido de professor e de juiz que é o Dr. José Braga, também eminente participante desta Casa. Valendo ainda registrar que muitos dos fundadores daquela organização jurídica aqui têm assento: os doutos professores e escritores Áderson Pereira Dutra, Jauary

Guimarães de Souza Marinho, José Bernardo Cabral, Mário Ypiranga Monteiro, Oyama César Ituassú da Silva, Paulo Herban Maciel Jacob e Plínio Ramos Coêlho.

Estaria eu preparado para galgar os umbrais deste Cenáculo? Penso que para dar-me acesso tivestes, Senhores Acadêmicos, paciência e atenção para com alguém que, embora despido das qualidades intelectuais e literárias que exornam as vossas personalidades, se apega à diretriz de produzir seus trabalhos sob o ângulo intensivo e rigoroso da pesquisa.

À vossa gentileza, manifestada a 29 de dezembro último, por decisão unânime, para trazer-me a este convívio, hei de corresponder com a promessa de ser útil à Congregação, fazendo espelho no vosso saber em tudo que tiver de criar, a serviço da cultura, e, ainda e sobretudo, para tentar responder àqueles que tanto torciam para que eu adentrasse este Templo, como, por exemplo, três amigos que já não mais fazem parte do mundo dos vivos: o publicista e contista Arthur Engrácio, que não só me incentivava, como chegava a comentar, com amigos, entre estes o eminente e culto escritor e acadêmico Antísthenes Pinto, que de certa feita, me passara ao conhecimento aquele desejo do saudoso amigo; o professor brilhante e também cultor do direito acadêmico João Chrysóstomo de Oliveira que, vez por outra, se indagava diante de amigos sobre a razão de não haver ainda eu ingressado neste Sodalício; o beletista e acadêmico Pe. Raimundo Nonato Pinheiro que – nos nossos encontros, o último aqui, na noite festiva de 03 de dezembro de 1993, por ocasião da posse do acadêmico Arlindo Porto – sempre usava o mesmo argumento de que era chegado o momento para vir compatilhar deste agradável ambiente, pois, assim, não só haveria de substituir a meu irmão Aderson como, e mais que isso, estabelecer a continuidade, na Casa, da representação da Família MENEZES, generosamente conceituada no seio da comunidade amazonense.

As cadeiras n.ºs 29 e 30

Foi na residência de Benjamim Lima, na rua de Monsenhor Coutinho, que, a 1.º de janeiro de 1918, nascera a Academia Amazonense de Letras, primeiramente nominada de Sociedade Amazonense de Homens de Letras.

A denominação definitiva somente ocorreria dois anos depois.

Foi seu primeiro Presidente o médico Adriano Jorge, figura alcandorada de orador e intelectual, muito festejado e admirado pela sociedade amazonense, motivo propiciador a que, após sua morte, o bairro onde morava tivesse seu nome, que era Municipal, alterado, em sua homenagem, para Adrianópolis.

Por ocasião da fundação desta Instituição, a Cadeira n.º 29 ganhara Araripe Junior como seu Patrono, mais tarde substituído por Capristrano de Abreu, porém retornando, anos depois, ao primitivo Araripe Junior, situação que permanece até os dias atuais, apenas com uma alteração: a Cadeira patrocinada, no momento, por Araripe Junior não mais é a n.º 29 e sim a 30, sobre cujo assunto voltarei mais adiante.

A Poltrona 29 tem, agora, conforme o Estatuto de 1968, o patrocínio de Castro Alves, da qual é titular o poeta Thiago de Mello.

Alcides Bahia

Foi fundador e, assim, o primeiro ocupante da Cadeira 29.

Era negro, nascido possivelmente no Pará, fora ali jornalista de oposição.

Transferindo-se para Manaus, aqui não só continuara militando no jornalismo como, também, na política. Foi eleito deputado estadual em diversas legislaturas, tendo sido também deputado federal durante um mandato.

Tribuno primoroso participara, quando ainda estudante no Rio de Janeiro, de comícios em prol da libertação dos escravos ao lado de, dentre outros, José do Patrocínio.

Sendo orador oficial deste Silogeu, vejamos o que dele e do Presidente Adriano Jorge dissera Mestre Agnello Bittencourt por ocasião de sua posse.

– “Foi um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras, tendo sido orador do Sodalício. Lembro-me do dia 19 de outubro de 1932, em que fui recebido pela Academia, em um dos salões do Ideal Clube de Manaus, transformado em sede do areópago, sob a presidência do saudoso Adriano Jorge, uma das inteligências mais cultas e rútilas do Amazonas. A elite da sociedade ali estava para ouvir o presidente e o orador. Ambos improvisaram seus discursos. Não sei qual o mais empolgante. O de Alcides Bahia equivaleu a uma chuva de pétalas de rosas. A imprensa, do dia seguinte, disse-o veementemente. Ambas as saudações recordavam as de Ruy Barbosa” – (*in* “Dicionário Amazonense de Biografias – Vultos do Passado” – págs. 44/45).

Alcides Bahia foi casado com Antônia Bahia. O casal, como não tivesse descendência, adotara Moacyr Bahia como filho. Faleceu em Manaus, a 03 de outubro de 1934.

José de Castro Monte

Com a vaga aberta, por morte de Alcides Bahia, a Academia preencheria-a com a eleição de Arthur César Ferreira Reis que, não se tendo nela investido, possibilitou ao Sodalício eleger um novo substituto, recaindo a escolha no intelectual e advogado José de Castro Monte.

Arthur Reis somente mais tarde alçar-se-ia a este Silogeu,

ocupando a Cadeira n.º 13, de patronato de Estelita Tapajós, com recepção do grande cientista e renomado intelectual Djalma Batista.

Nascido em Fortaleza, no Ceará, a 09 de agosto de 1893, José de Castro Monte diplomara-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará no dia 09 de janeiro de 1919.

Vindo para Manaus, aqui contraíra matrimônio com a Senhora Marieta Paiva Monte, filha do grande causídico Bernardino Paiva, integrante de uma das famílias mais representativas da cultura jurídica do Pará, com realce para seu sobrinho – Lourenço Paiva, que se destacara na magistratura, chegando ao exercício do cargo de desembargador. Bernardino Paiva projetara-se em Manaus, como um dos mais renomados advogados do seu tempo. Dedicava seus serviços profissionais principalmente a empresas e firmas inglesas como: a Manáos Harbour Limited, concessionária dos serviços portuários; a Manáos Tramways, concessionária do serviço energético e do transporte coletivo da capital amazonense, feito pelos famosos e confortáveis bondes; e, ainda, a Higson e Cia, que operava no comércio exportador e importador.

Aqui nasce o seu primogênito – Paulo, já falecido.

Retirando-se para o Sul do país, trabalhara em São Paulo e no Rio de Janeiro, sendo que nesta última cidade lhe nasceram as duas filhas – Maria Lúcia e Maria Helena, ambas vivas e residentes em Manaus, sendo a primeira casada com o Sr. Milton César de Araújo Lima.

Essas respeitáveis Senhoras descendentes de José de Castro Monte guardam duas preciosidades: uma carta manuscrita, muito amável, datada de 15 de março de 1931, sendo seu autor o já, ao tempo, ex-presidente da República Epitácio Pessoa, compadre de Castro Monte, como padrinho de Maria Helena; a outra, igualmente carta, também escrita a mão, de 14 de setembro

de 1922, de autoria de Clóvis Beviláqua, autor do Código Civil que, promulgado em 1916, entrara em vigor a 1.º de janeiro de 1917, correspondência que identifica, pelo relacionamento, a alta qualidade de jurista de Castro Monte.

O retorno de Castro Monte para o Norte deu-se após sua nomeação para Juiz de Direito no Território Federal do Acre, cargo que ocupara até aposentar-se quando, então, viera em caráter definitivo para Manaus, onde se tornaria apenas o advogado.

Eleito para a Academia, na vaga deixada por Alcides Bahia e não preenchida por Arthur Reis, Castro Monte pediu, sendo atendido, que o Patrono da Cadeira 29 passasse a ser Capistrano de Abreu.

Castro Monte tomara posse neste Silogeu a 25 de setembro de 1952, sendo seu Presidente João Leda, um dos maiores e mais afamados conhecedores da língua portuguesa em nossa terra. Recebeu-o o ilustre acadêmico Mário Ypiranga Monteiro.

José de Castro Monte, que morrera em Manaus a 23 de julho de 1956, foi Sócio Correspondente, no Amazonas, da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará.

Carlos Alberto de Almeida Barroso

Filho de José Antônio Barroso e Sebastiana de Almeida Barroso, nasceu em Manacapuru a 15 de novembro de 1918, vindo, logo cedo, para Manaus, onde fizera o aprendizado secundário e os cursos Complementar Pré-Jurídico e de Direito, bacharelando-se pela Faculdade de Direito do Amazonas, no ano de 1944.

Moço pobre, mantendo-se na Capital, com recursos enviados do interior pelo chefe do clã, até que, formado, conseguisse seu primeiro emprego, que foi de professor

contratado, vejamos o depoimento que a respeito Almeida Barroso dá e que consta do seu livro “FIGURAS – IDÉIAS – OPINIÕES”, exatamente em um dos dois artigos que escrevera e publicara na imprensa sobre Aderson de Menezes, meu irmão, após seu falecimento, no ano de 1970.

Leiamos-lo:

– “No final do Complementar e com a entrada para a Faculdade de Direito, a mesma a que ele, mais tarde, prestaria inestimáveis serviços como seu professor e diretor, um fato começou a preocupar-lhe. E a respeito, certa vez, desabafou em tom irônico para mim: – “É, Barroso, você não acha que essa história de ser brilhante, de receber elogios continuados, mas sem um emprego e com os bolsos vazios é agradável, mas desconcerta e até cansa”?

Concordei com ele e externei-lhe também minhas queixas, que eram as de toda uma geração que estudava com poucos recursos, cada família dependendo de minguados caraminguás percebidos pelo chefe, geralmente como funcionário público. Era época em que todo estudante andava *duro*, em Manaus, mesmo como acadêmico. O dinheiro que corria era pouco e os empregos que serviam, os públicos, só se conseguia com forte pistolão. Felizmente, houve um momento em que foram abertas muitas oportunidades, trazidas pela Lei das Desacumulações. E a primeira e expressiva chance para um grupo, a que eu também pertencia, veio com o Colégio Estadual do Amazonas, novo nome do velho estabelecimento padrão de ensino secundário, sob a direção do então também líder jovem Machado e Silva. Muitas cadeiras vagas foram nessa ocasião preenchidas

com professores contratados. Ao Aderson coube a de Geografia” – (págs. 62/63).

Dou destaque a essa informação de Almeida Barroso, porque foi igualmente em decorrência da Lei das Desacumulações que não só Aderson se empregara, como professor de Geografia Geral no Colégio Estadual, mas, também, ele – Almeida Barroso, como contratado para reger a cadeira de Filosofia e, mais, ao que lembre: Nicodemus Braule Pinto, para História do Brasil; Elmacino Araújo, para História Geral; e Ulisses Bittencourt, para Geografia do Brasil.

Por essa altura, estudante no Colégio Estadual, fui aluno apenas de Nicodemus e Elmacino. Conquanto moços, como os demais contratados, foram professores atuantes e talentosos na ministração de suas aulas.

Guardo de Almeida Barroso a melhor impressão sobre sua conduta exemplar, como professor e amigo, sobre quem só ouvi elogios. Foi espécime raro na maneira de escutar e transmitir, o que combinava inclusive com a mansidão do seu caminhar. Educado e atencioso, foi um verdadeiro *gentleman* no trato com as pessoas.

Além de advogado militante, Almeida Barroso foi ainda, no campo da educação, professor de Psicologia e Secretário da Escola de Serviço Social; professor de Noções de Economia Política e de Direito da Escola Técnica Rui Barbosa e da Escola de Contabilidade Brasileira de Manaus; Assessor Técnico de Educação da ex-Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia; membro da Comissão Regional para o Ensino Secundário, a convite do Diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, Dr. Armando Hildebrand; e Diretor do Colégio Estadual do Amazonas.

Foi Juiz de Direito no nosso Estado, após concurso de títulos e provas com aprovação em primeiro lugar.

Sua atividade literária iniciou-se quando bem jovem nas redações dos jornais “A Tarde”, nos da Empresa Archer Pinto, principalmente em “O Jornal”, no “Jornal do Comércio” e depois, durante 15 anos, em “A Crítica”, onde manteve, em destaque, a coluna “Fatos Gordos e Magros”.

Foi fundador da Revista do Amazonas e da Revista Municipalista do Amazonas.

Tornou-se articulista dos mais brilhantes na imprensa, criticando posicionamentos que entendia incorretos da parte de autoridades, defendendo interesses da coletividade ou, ainda, cuidando de personalidades que, pela cultura e/ou bons serviços prestados ao Estado, merecessem seu apoio e admiração.

Exatamente decorrente dessa contribuição jornalística/literária é que nasceu o livro “FIGURAS – IDÉIAS – OPINIÕES”, editado em 1975, sob os auspícios da Fundação Cultural do Amazonas.

Essa obra de Almeida Barroso, rica na forma e conteúdo, mereceu as mais encomiásticas e aplaudidas críticas da imprensa e dos homens de letras de nossa terra.

Do autor e do livro – o seu apresentador – amazonólogo, educador, cultor das boas letras e insigne membro desta Arcádia – Arthur César Ferreira Reis, diz:

– “O autor deste livro, hoje faturando sucesso nos meios intelectuais do Rio de Janeiro, onde representa a inteligência amazonense na Federação das Academias de Letras do Brasil, não é um principiante que busque, nos primeiros trabalhos, criar-se nomeada, investindo para o futuro. Sua produção intelectual, publicada na imprensa diária de Manaus, revela o homem de espírito em permanente renovação, na linguagem escrita do escritor sadio e voltado, fundamentalmente, para as coisas de sua terra natal”.

E na finalização dos conceitos emitidos:

... “Na lição dos fatos e dos homens de ontem, aqui evocados com tanta simplicidade, mas com tanta fidelidade, há uma lição pura, valiosa, profunda, que se faz necessário bem conhecer e assimilar” – (págs.9/10).

Ex-Presidente desta Academia, beletrista dos mais notáveis de nossa terra, João Mendonça de Souza – a quem Almeida Barroso credits a edição do seu livro – autor da matéria de orelha da obra, afirma que Almeida Barroso já tinha prontos para futuras edições: “POLÍTICA – A luta de um livre atirador”; “EM DEFESA DA GLEBA – I”; “EM DEFESA DA GLEBA – II”; “EU E OS OUTROS”; “PROBLEMAS EDUCACIONAIS”; e “CRÍTICAS E COMENTÁRIOS”. Além de um outro, em preparo: “TEMPOS DE ONTEM EM MANACAPURUE MANAUS”.

Foi, pois, com a construção, antes e depois, dessa bagagem literária que, com a vaga da Cadeira n.º 29, pelo falecimento do seu anterior ocupante José de Castro Monte, Almeida Barroso fora eleito para preenchê-la.

Sua assunção deu-se no ano de 1962, sendo Presidente da Academia o jurista e orador consagrado Leôncio de Salignac e Souza. Recebeu-o o jornalista e acadêmico Aristóphano Antony, proprietário do vespertino “A Tarde”, no qual o recipiendário atuara como redator e colaborador.

No ano de 1965 aposentou-se no cargo de Juiz de Direito e, em seguida, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde voltou a advogar e prosseguiu na sua atividade literária, principalmente a partir do ano de 1974 quando assumira a representação da Academia Amazonense de Letras junto à Federação das Academias de Letras do Brasil, distinção essa resultante de aclamação e por proposta do então Presidente do Silogeu, acadêmico Djalma Batista.

Do resumo biográfico de Almeida Barroso que me fora cedido gentilmente por seu filho Carlinhos Barroso, anoto, com satisfação, que aquele nosso saudoso e ilustrado conterrâneo tivera destacada atuação naquela Federação: Secretário, Vice-Presidente entre 1983 a 07 de março de 1986, quando fora eleito Presidente, para o biênio 1986/1987, com empossamento feito pelo acadêmico Aldemir Cabral Neiva.

Foi casado com Maria Carolina Barroso, de cujo matrimônio resultaram os filhos: Carlinhos Barroso, músico popular e poeta; Maria José, advogada; Ana Amazonas, juíza de Direito; e José Evandro, profissional da área de comunicação, todos amazonenses.

Faleceu a 20 de janeiro de 1993 no Rio de Janeiro, onde seu corpo foi sepultado.

Araripe Junior

Cabe-me, agora, discorrer sobre o Patrono da Cadeira que assumo.

Antes, porém e como prometido em passagem anterior, o indispensável esclarecimento em derredor da troca na numeração da Cadeira patrocinada por Araripe Junior e, ainda, a razão da substituição do seu primitivo patronato por Capistrano de Abreu.

Araripe Junior foi Patrono da Cadeira n.º 29, desde a criação da Academia Amazonense de Letras a 1.º de janeiro de 1918, quando se tornara seu titular, como fundador, o jornalista Alcides Bahia.

Por morte deste, em 1934, anos depois foi escolhido para substituí-lo Arthur César Ferreira Reis, que não se tendo dela apossado ensejou a escolha de José de Castro Monte que, então, pedira fosse o nome do Patrono da Cadeira, Araripe Junior, trocado por Capistrano de Abreu, sendo atendido.

Não me foi possível colher informação a respeito do motivo que levara o cearense Castro Monte àquela solicitação, pois que ambos – Araripe quanto Capistrano – eram cearenses e, assim, seus conterrâneos, além de dotados de grande potência intelectual e literária.

Desse modo, a Cadeira n.º 29 passara ao patronato de Capistrano de Abreu, a partir, portanto, de 1952, quando da posse de Castro Monte, situação que alcançara 1962, também da assunção de Almeida Barroso, indo até 1968, ano da entrada em vigor de um novo Estatuto do Silogeu, mas com outra nomenclatura, no particular: Araripe Junior retornara à condição de titular, porém da Cadeira n.º 30, enquanto, com a exclusão de Capistrano de Abreu, a de n.º 29 passara ao patrocínio de Castro Alves, que a vem ocupando o poeta Thiago de Mello, como, anteriormente, já esclareci.

Vou, pois, na qualidade de ocupante da Poltrona n.º 30, tentar falar de Araripe Junior, cujo nome completo era Tristão de Alencar Araripe Junior.

Filho de Tristão de Alencar Araripe e de Argentina de Alencar Araripe, nasceu em Fortaleza, no Ceará, a 27 de junho de 1848 e faleceu a 29 de outubro de 1911, no Rio de Janeiro.

Rico em informações sobre Araripe Junior é o “Livro de Bolso – Edições de Ouro Culturais”, de Afrânio Coutinho, editado em 1967, no Rio de Janeiro.

A obra enfeixa estudo em torno de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha; a formação de Capistrano de Abreu como crítico; e o nacionalismo literário de Araripe Junior.

Ainda muito jovem enveredara pelos caminhos da vida literária, juntando-se a outros mais novos até, nessa busca.

Deve-se a Rocha Lima, de apenas 15 anos, a criação em 1870, na então província do Ceará, na companhia de rapazes de idade aproximada, de uma sociedade denominada “Fênix Estudantil”.

Logo depois, em 1872, levados pelo entusiasmo de que se encontravam possuídos com a sociedade antes criada, Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Junior, Lopes Filho, Tomás Pompeu, Xilderico de Farias e outros fundaram uma nova associação: a “Academia Francesa”.

Sua duração foi de apenas três anos, pois seus integrantes, quase todos, viviam fora de Fortaleza ou, como acontecia na época, estudavam no Recife, cursando, principalmente, Direito.

Afrânio Coutinho não estranha que rapazes tão jovens, conquanto estudantes de escolas públicas, despertassem tão cedo para a vida literária, e credita essa volúpia pela literatura ao bom ensino então ministrado, no plano elementar quanto secundário, muito superior ao que atualmente se destina à juventude brasileira.

Todos eles estudaram nas escolas Liceu e Ateneu Cearenses, ou, ainda, no Colégio Educandos e no Seminário Episcopal.

Diplomando-se em Direito no Recife, no ano de 1869, Araripe Junior mudou-se, depois, para Santa Catarina e ali exercera um cargo oficial (1871), e, a seguir, para o Ceará (1872), tendo sido Juiz Municipal em Maranguape e deputado provincial, até transferir-se, em 1880, para o Rio de Janeiro, onde cumprira o exercício de realçados empregos públicos, como: Oficial da Secretaria de Estado dos Negócios do Império; Diretor da Secretaria do Interior; Diretor Geral da Diretoria do Interior do Ministério da Justiça; e Consultor Geral da República (1903), cargo que exerceu até o seu falecimento, em 1911.

Foi jornalista, romancista, crítico, contista, biógrafo e grande pesquisador, sendo de sua autoria: “Carta sobre a Literatura Brasileira” (1869); “A Casinha de Sapé” (1872); “O Ninho do Beija-Flor” (1874); “Jacina, a Marabá” (1875); “Um Motim na Aldeia” (1877); “Luisinha” (1878); “O Reino Encantado” (1878); “O Retirante” (1878); “Xico Melindroso”

(1882); “Perfil de José de Alencar” (1882); “Contos Populares do Ceará” (1884); “Gregório de Matos” (1894); “Don Martin Garcia Merou”, prefácio (1895); “A Literatura Brasileira. Movimento de 1893” (1896); “Miss Kate” (1909); e “Cajueiro de Fagundes” (1911).

Diante da sua extraordinária e resplandesciente atividade literária foi fundador e membro proeminente da Academia Brasileira de Letras, onde, por sua morte, fora substituído por Felix Pacheco.

Sua literatura crítica foi nacionalista e naturalista, partindo do “indianismo para um largo americanismo ou americanidade brasileira. Esse pensamento é uma constante de sua obra”, na definição de Afrânio Coutinho.

Polemicou por muitos anos com Sílvio Romero que defendia a primazia do elemento negro na formação do nosso povo, enquanto ele pensava que tanto o negro como o índio influíram no processo.

Na ficção enfrentou restrições dentre uns poucos, como José Veríssimo, Jacinto Prado Coelho e Ronald de Carvalho, mas teve, no mais, o aplauso da unanimidade do pensamento literário de nosso país.

A fala do poeta

Designastes, Senhores Acadêmicos, para receber-me neste Silogeu o “poeta de expressão universal”, no dizer de Carlos Heitor Cony, esse bravo e brilhante jornalista que nos delicia, diariamente, a nós brasileiros, com a contundência de suas verdades esculpidas nas crônicas que edita nos principais jornais do país.

Tem razão o cronista admirável, pois, ao assim definir o vosso representante nesta recepção, poderia seguramente, e com sobrado juízo, enaltecê-lo, ainda mais, como dos maiores do mundo.

E se até este momento não consegui dar brilho à solenidade pelo que disse, irá ela engalanar-se, agora, diante do pronunciamento desse extraordinário vate que é Thiago de Mello.

Bem sei, tudo que de mim disser estará amparado no nosso amoroso convívio de amizade, construído desde a nossa infância, no interior do Estado como aqui em Manaus, de quando, para todos da Família MENEZES, era ele, como ainda o é, apenas o amigo Amadeu.

Nunca nos distanciamos desse bem-querer, valendo aqui ressaltar, para justificá-lo, a invocação desse príncipe do jornalismo glebário e que foi dos mais refulgentes membros desta Casa, o saudoso acadêmico Aristóphano Antony, que, no seu livro “EVOCAÇÕES SENTIMENTAIS – (Os meus 184 dias de prisão)”, lançado a 18 de fevereiro último, para refletir o sentimento da amizade recorre, com felicidade, a Salas y Quiroga como definidor de que a “amizade é um bem raro e delicado. Unicamente são capazes de senti-la aqueles que são capazes de inspirá-la” (pág. 37).

E assim há sido, entre mim e Thiago de Mello, o sentimento “raro e delicado” na constância da nossa amizade.

Por isso mesmo, espero seja ele compreendido na sua generosa manifestação a meu respeito, mas, de qualquer maneira, só tenho a agradecer à Academia o prêmio que me conferira elegendo para receber-me o alcandorado talento desse vulto ímpar de altas e qualificadas letras e insuspeitado poeta maior, deste nosso tempo.

Nascido na encantadora terra das arirambas, onde também vivi parte do meu início de existência, dali – da sua querida Barreirinha – o condoreiro alçara vôo pelos céus do mundo pregando, e sendo ouvido, o encanto e a força da sua poesia dourada como o sol brilhante e abrasador na defesa dos mais

humildes, da cidadania e da liberdade do homem.

Felizmente que, para o encantamento dos nossos corações, vez por outra, como está acontecendo agora, faz pouso ao lado de quantos lhe queremos bem.

Alegria repartida

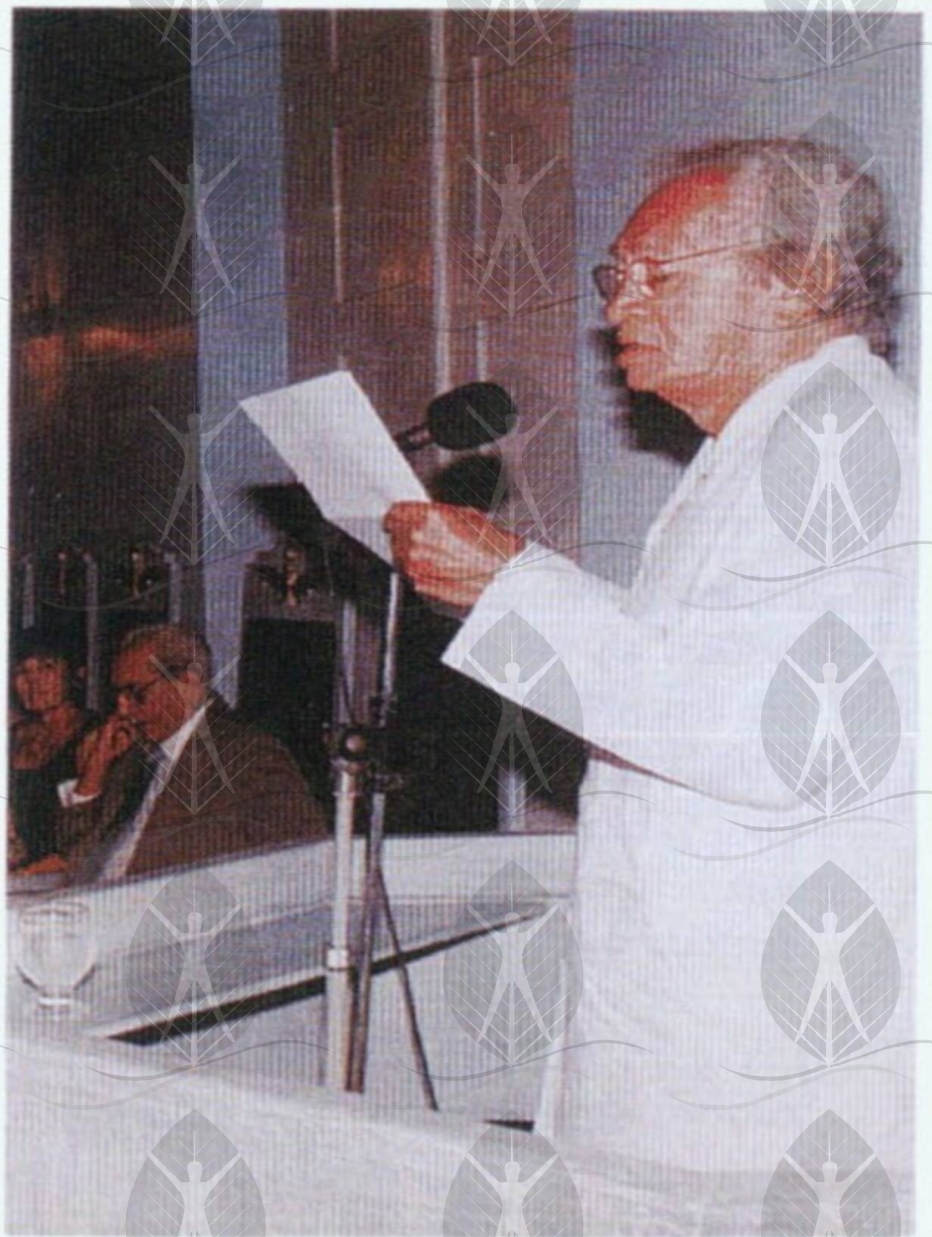
Solenidade abençoada

E para encerrar, consenti Senhores Acadêmicos, que reparta a alegria deste momento de luzimento com minha amada mulher – Ivette, companheira de mais de 45 anos de vida em comum; com minhas filhas Luíza Eneida e Tatiana; com os netos Thiago e David; com os netos/filhos que Deus e Armando Filho nos legaram: Luana Luzia, Armando Neto e Tude César; com os irmãos Albery e Aladia, Almir e Edocine, Alberto, Aurélio e Lindalva, Adherbal e Nelly, Adalberto e Luíza, Maria Luíza e Tude Filho; e ainda em espírito, porque presentes, com os amigos Arthur Engrácio, João Chrysóstomo de Oliveira e Pe. Raimundo Nonato Pinheiro; e, mais, no Reino do Céu, com a sobrinha Amazonina Maria, com as cunhadas Eneida e Lúcia, com o irmão Aderson, com o meu primogênito Armando e, por fim, com aqueles a quem tudo devo – do nascimento à formação moral e intelectual – meus inesquecíveis e queridos genitores: Tude Henriques de Menezes e minha Mãe que, na sua qualidade de SANTA, aqui se encontra risonha, bela e esvoaçante a patrocinar esta noite memorável, abençoando o Sodalício e a seus ilustres integrantes, as excelentíssimas autoridades e a todos os distintos amigos e amigas que nos alegraram com o enlevo de suas amáveis presenças.

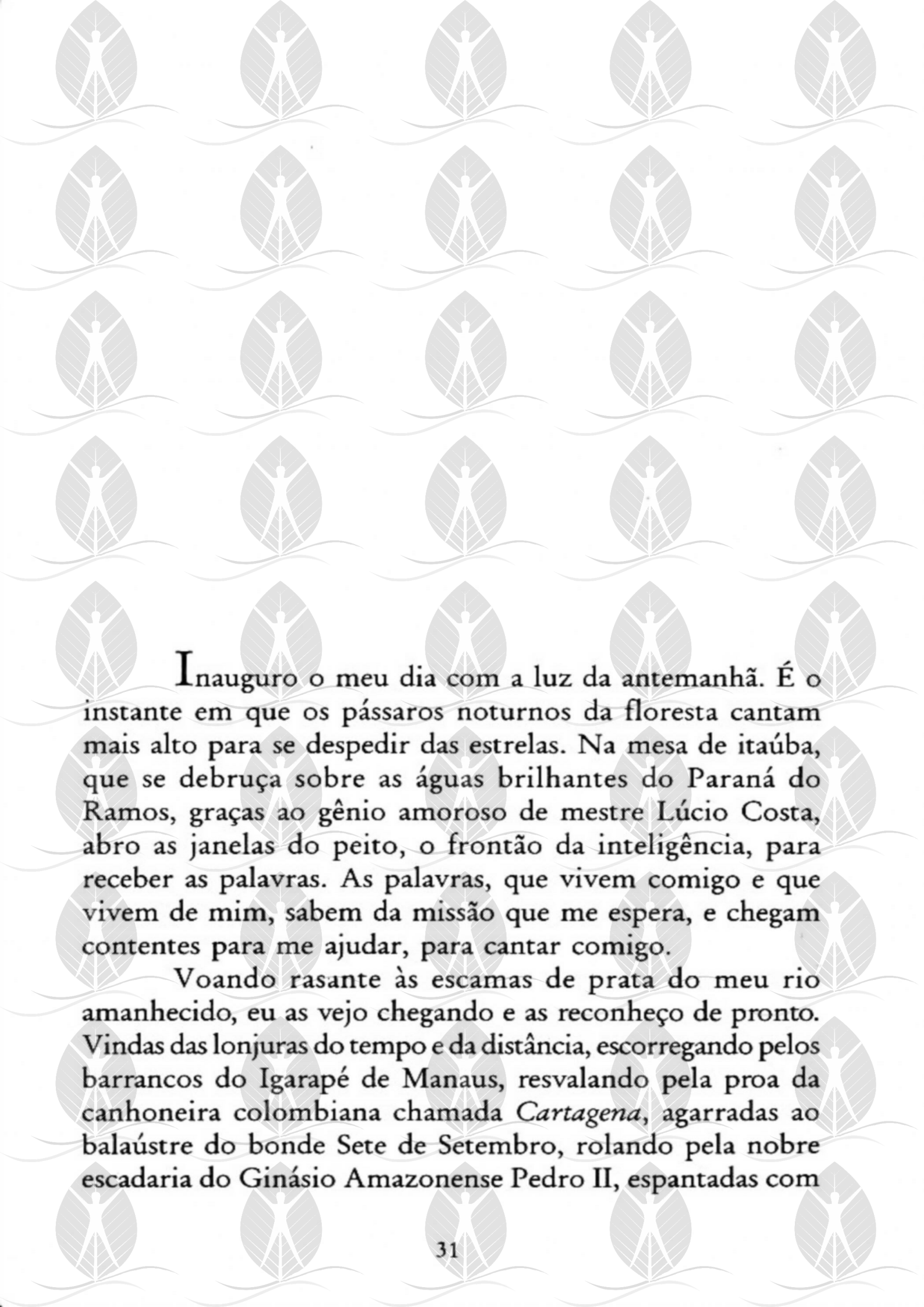
A todos, obrigado pela ternura e paciência em ouvir-me!



*Louvação
para
Armando
de
Menezes*



*Acadêmico
Thiago de Melo*



Inauguro o meu dia com a luz da antemanhã. É o instante em que os pássaros noturnos da floresta cantam mais alto para se despedir das estrelas. Na mesa de itaúba, que se debruça sobre as águas brilhantes do Paraná do Ramos, graças ao gênio amoroso de mestre Lúcio Costa, abro as janelas do peito, o frontão da inteligência, para receber as palavras. As palavras, que vivem comigo e que vivem de mim, sabem da missão que me espera, e chegam contentes para me ajudar, para cantar comigo.

Voando rasante às escamas de prata do meu rio amanhecido, eu as vejo chegando e as reconheço de pronto. Vindas das lonjuras do tempo e da distância, escorregando pelos barrancos do Igarapé de Manaus, resvalando pela proa da canhoneira colombiana chamada *Cartagena*, agarradas ao balaústre do bonde Sete de Setembro, rolando pela nobre escadaria do Ginásio Amazonense Pedro II, espantadas com

a formosura da Maria Amália Ferreira, tangidas pela abençoada voz de Orlando Silva, que nascia dos alto-falantes do cinema Politeama, mas sobretudo banhadas pela candura que florescia, a qualquer hora do dia, em certa e querida casa da rua Jônathas Pedrosa: a casa do seu Tude e da dona Santa. Perdão, dona Santinha.

De tantos outros lugares amados, derruídos em nome de uma modernidade de lantejoulas, lá vem vindo as palavras. Na frente de todas, distingo as três principais: Infância, Amizade e Milagre. Juntas, elas erguem, como um pendão de luz, o nome de Armando Menezes. E dizem que posso começar a construir, não o elogio, como a praxe designa, mas a louvação do educador, do homem público, do homem de leis e de letras, do meu amigo de infância, que hoje ingressa nesta Casa.

Pois então vou começar. Querido presidente, escritor Robério Braga, quero contar com a sua tolerância: me dispense do tratamento majestático. Peço porque tenho motivos singulares. Longe de mim o intuito de magoar o protocolo. Logo eu que tenho por cuidados a ninguém fazer dano. Quem me frequenta a casa da floresta sabe que lá até caranguejeira é respeitada: livre e lampeira, faz até amor pelas paredes.

Sucede que não me dou bem com a segunda pessoa do plural, porque ela cada dia fica mais feiosa, e bastante *rampli de soi même*. Por amor à beleza do nosso idioma, barro e alma do meu ofício, prefiro a segunda do singular, a mais bonita, carinhosa, de íntima pavulagem e também a mais querida do povo da floresta, pela qual, de resto, me tratam as crianças de Barreirinha.

Como já então, presidente, tenho a sua licença?

Celebro, em primeiro lugar, o poder da infância que ilumina a vida de Armando Andrade de Menezes. Reparto

com os meus confrades o entendimento que tenho desse poder. A infância é um dom que a vida entrega a todo ser humano que chega a este mundo. Com ele no coração, a criança cresce, nesse rito de passagem, até chegar à adolescência, ponte de difícil travessia entre a meninice e o começo da juventude.

Dependendo do amor, do respeito, que mereceu dos pais e educadores, o moço atravessa a ponte e o seu dom, ou cai no rio ou chega ao outro lado, mantendo intacto e radioso, para nunca mais se apagar, o poder mágico da infância.

Qual é esse poder da infância que se prolonga e floresce a cada amanhecer na vida do homem maduro, dono do seu ser, do seu estar-no-mundo, o *Dasein* do filósofo alemão Martin Heidegger? É o poder de acreditar, de querer saber a verdade das coisas, de gostar de repartir, e sobretudo de confiar: o poder de confiar no homem como o menino confia noutro menino.

Canto e celebro no nosso novo confrade o seu poder mágico da infância, que o leva a viver a serviço da vida. E não temo em afirmar que este poder foi a frágua na qual se forjou o espírito de toda a sua ação de educador, escritor e homem público a serviço do Amazonas.

Chega feliz e cantando à minha mão, viajando pelo rio do Tempo, a palavra amizade, de mãos dadas com outra voz encantada: milagre! A amizade, que considero a mais alta forma de amor, chega neste fim de século, arranhada pelas garras da indiferença, degradada numa virtude humana ameaçada de extinção. Tal como o peixe-boi, como o galinho-da-serra e a ararinha azul.

Como o nosso majestoso mogno, madeira de altíssima nobreza, cujos troncos centenários vêm sendo derrubados, impiedosamente, e com permissão do IBAMA,

pelos madeireiros da Malásia, onde já devastaram uma floresta inteira e agora se empenham na destruição do que o filósofo japonês Deisaku Ikeda considera o mais rico patrimônio da humanidade para o século 21: a floresta amazônica.

A amizade se tornou instrumento de interesses pessoais, financeiros e políticos. As pessoas se aproximam por motivos de toda ordem, menos os do coração.

Pois o meu Armando, o nosso acadêmico Armando de Menezes, foi capaz do milagre – a terceira palavra principal que atravessou o meu rio: o milagre da amizade que perdura no tempo. Falam pela minha boca todos os seus amigos que me ouvem, e muito profundamente os seus irmãos, que no convívio com ele aprenderam que apenas o vínculo do sangue não é garantia de amor.

Desincumbido estou da exigência das palavras mágicas que me chegaram carregando o pendão de luz da vida deste filho de Parintins, caboclo suburucu, popa de lancha e bandeira azul, como sempre repete quando nos encontra, outro portador do milagre, o querido Jari Botelho, cuidadoso vigilante de nós dois.

Quero festejar agora a nossa Academia. Porque está recebendo um escritor, homem que lida e ama as palavras, das quais se serve para dar testemunho. Acho que estou sendo feliz: o Armando tem o dom do testemunho.

Sempre me intrigou, desde que muito moço penetrei no reino misterioso das letras, as várias inclinações do talento criador com as palavras. Cada escritor pende naturalmente para o seu gênero literário predileto. Pode até incursionar por outro, por mais de um. E até com êxito. Mas sempre tem um gênero autenticamente seu, através do qual, alcança sua plena expressão artística.

Machado de Assis, o mais respeitado escritor da pátria, foi romancista, contista, ensaísta, dramaturgo, cronista e até poeta.

Verdade que a poesia não lhe tinha grandes amores, mas nos deixou o soneto *Carolina*, obra prima da criação poética brasileira. Foi, porém, na ficção, nos seus três últimos romances e sobretudo nos contos que o “Bruxo do Cosme Velho” atingiu a genialidade.

No Brasil, país onde se lê cada dia menos, contam-se nos dedos os criadores que vivem e sobrevivem dos seus direitos autorais. Precisam de outras funções, empregos públicos, têm outras profissões. A mais acessível é a de jornalista, atividade para-literária. Mas que favorece, ao escritor de qualquer gênero, o domínio de uma linguagem que, sem despedir o bom-gosto, seja acessível ao leitor comum.

José Lins do Rego, amigo entranhável, era romancista, mas publicava artigos diários em três jornais cariocas: um sobre futebol, outro sobre livros, outro sobre os assuntos do dia; Graciliano Ramos, o já famoso mestre Graça, com quem trabalhei na mesma sala, era revisor de artigos de colaboradores no *Correio da Manhã*. Completamente deslocado do seu talento criador. Confesso que me estremecia, de acanhamento, diante do criador de *Vidas Secas*.

Volto ao fascínio dos gêneros literários.

Rubem Braga, tirante alguns versos de poeta bissexto, só escreveu crônicas a vida inteira. Mas o “Sabiá da Crônica” há de permanecer cantando enquanto houver literatura neste país.

Pablo Neruda, vate por excelência, poemas traduzidos em todos os idiomas cultos, escreveu um livro de prosa poética na juventude e outro de memórias no fim da vida. Por sinal, prosa de primeiríssima água. A propósito, Manuel Bandeira, poeta do meu coração e meu imenso mestre, me dizia que desconfiava do poeta que na prosa parece cavaleiro desmontado.

Caso raro o de Pedro Nava. Autor de alguns versos na sua juventude mineira, só se revelou prosador, e dos notáveis, com as memórias que começou a escrever depois dos sessenta

anos. Vale a pena contar que dele ouvi, um dia, ao lado de Carlos Drummond de Andrade, pouco antes de sua morte: “Não sei se o que eu conto é a realidade ou se é a vida que eu gostaria de ter vivido”.

A maioria dos historiadores faz ficção. Otávio Tarquínio de Souza, o admirável estudioso do Brasil-Império, nos revelou numa roda na sala do saudoso editor José Olympio, com a maior naturalidade deste mundo, que se achou no direito de atribuir a Pedro I mais de uma frase que o Imperador não pronunciou. E justificava, impávido: “Ele não disse porque não quis, não disse mas pensou.” Pura ficção.

O Imperador Adriano, pela mão de Marguerite Yourcenar, confessa: *os historiadores nos apresentam as imagens do passado através de sistemas excessivamente completos, com uma série de causas e efeitos demasiado exatos e demasiado claros para serem inteiramente verídicos. Recompõem a dócil matéria morta e tenho certeza, de que mesmo a Plutarco escapará Alexandre.*

Faço questão de trazer para este capítulo dos gêneros literários, porque nos pode servir de advertência, um fragmento precioso de conversa que mantive com Jorge Luis Borges, o genial argentino, no seu apartamento de Buenos Aires. Perguntei a Borges, poeta, contista, ensaísta: “Por que você não escreve um romance?” O bruxo me respondeu:

– *Porque conosco mis límites.*

Na nossa terra, temos o caso exemplar de um fundador desta casa: Péricles de Moraes, que só escreveu ensaios, deixou três livros magníficos; Agnelo Bittencourt, o mais querido mestre dos ginásios do meu tempo, foi geógrafo de renome, mas viveu seus últimos anos escrevendo sobre os homens ilustres de sua terra; Arthur Reis e Mário Ypiranga, exclusivamente historiadores por vocação maior, ganharam o respeito mundial, sendo que

Mário viajou por diversas outras águas culturais e científicas, algumas até poéticas; o poeta Álvaro Maia, enriqueceu a ficção amazônica com a sua *Gente dos Seringais*; Paulo Jacob, agarrou-se à ficção, no que fez muito bem para prêmio de todos nós; Anthístenes Pinto, sempre navegou à vontade na prosa como no verso; Elson Farias, o poeta do *Romanceiro*, surpreende seus leitores publicando três romances depois dos sessenta anos; Áderson Dutra, constitucionalista sempre consultado; Robério Braga, Arlindo Porto, Ulysses Bittencourt, Jefferson Peres e o próprio Armando, memorialistas, entre os quais, quem sabe, eu mereça um lugar; Max Carphentier, o poeta do *Sermão da Selva*, conquista um prêmio nacional de contos. Márcio Souza é forte na ficção, fino de estilo no ensaio; Milton Hatoum banhou o seu *Relato* com a água da poesia. O nosso querido Moacir Andrade, pintor mundialmente reconhecido, vai mais longe: põe as cores na tela e as palavras no papel, como quem dança na flor da água.

Arthur Engrácio, quem atravessou o rio sem receber o colar acadêmico, escreveu sobretudo contos e romances, porém publicou livros de impressões literárias. E de colar quero ver, hei de viver para ver, Luiz Bacellar, Aníbal Beça e Aldísio Filgueiras, fiéis a vida toda aos afazeres da poesia.

Assumo sereno o pecado da omissão. Agora chegou a vez do Armando.

Armando preferiu dar testemunho: dom e vocação. Ele acaba de nos dizer que se inclinou pela pesquisa. Aceito se ele se refere à História que ele escreveu sobre o Tribunal de Contas, do qual ele foi conselheiro e presidente. Aceito no documento histórico que todo estudante e todo oficial das leis devia ler e ponderar muito, sobre a vida luminosa de Aderson Menezes, o primogênito da família, um dos amazonenses mais respeitados de sua geração. A quem eu próprio, que não sou de leis, muito devo porque Aderson era acima de tudo um humanista.

Quando Armando tomou posse no Instituto Geográfico

e Histórico do Amazonas, o tema do seu discurso, fruto de carinhosa e demorada pesquisa, foi a vida e a obra de Vivaldo Palma Lima, aliás fundador daquela instituição e de quem tanto me lembro de suas aulas de Química no velho Ginásio. O discurso está incluído no livro *Destaques e Vidas*. Faço uma recomendação: quem quiser saber, com verdade e minúcia, como viveu e o que realizou no Amazonas o Dr. Vivaldo Lima, não pode prescindir do trabalho magnífico do Armando. Eras! O meu amigo é mesmo bom de pesquisa.

Mas discordo quando viajo feliz pelas páginas, tantas vezes relidas, do livro em que ele conta os fatos, acontecimentos, coisas, quero dizer a vida de seus pais, manos, filhos, netos e amigos. Com tudo o que a vida tem de estrelas e de sombras, de alegrias e dissabores, de orvalhos e asperezas, que dão grandeza e graça à condição humana. É obra de criador literário.

Convém distinguir a importância sociológica do livro *Família Menezes*, quando o autor dá testemunho dos hábitos, costumes e práticas sociais das populações das várias cidades do chamado Baixo-Amazonas, onde os Menezes moraram, em mudanças devidas aos atos de transferência do patriarca Tude para exercer o cargo de coletor de rendas nesses municípios. Parintins, Nhamundá, Maués e até Barreirinha, pátria minha e de mestre Áderson Dutra.

Mas o olho sociológico e até antropológico do Armando, olho comovido que sabe comover os outros, não ficou perdido no interior da floresta. Quando a família se instala definitivamente em Manaus – integrando o lado fecundo do êxodo interiorano que o sábio Samuel Benchimol (uai... o Samuel ainda não está aqui não?) considera a força principal da hegemonia da cultura cabocla – Armando Menezes de olhos e sentidos agudos para a vida da capital, recolhe matizes e expressões da alma da cidade, através da qualidade de vida, do convívio humano, da seriedade

do ensino, do gosto da conversa, dos divertimentos da criançada e da gente grande: uma alegria de viver muito manauense, em pleno período da decadência econômica (santa decadência, tive a coragem de dizer em livro) conseqüente ao debacle da nossa borracha.

Em muita página deste livro querido, interrompo a leitura e me demoro no aconchego da memória. É quando Armando fala de seus irmãos. Fico lembrando a minha convivência com os cinco maiores, quatro mais idosos do que eu, e no entanto me abriram a intimidade alegre e generosa. A atenção sorridente que me concedia Aderson, quando eu era ginasião, o professor magistral de quem recebi sugestões inestimáveis, na última vez em que eu o vi, para um roteiro de amplo trabalho sobre a vida no coração da floresta. A inteligência estrelada do Albery, o seu talento para narrar histórias fantásticas; o Almir com seu riso de alvorada e a sua famosa mão-de-gato do time de voley do ginásio; o bondoso Alberto no salão do Rio Negro e ao pé do piano da Marília Palhano.

O carinho poderoso, a meiga solidariedade, uma espécie sadia de orgulho com que Armando fala de seus irmãos e de sua mana Maria Luiza, me leva a confessar na noite de hoje: sempre que tenho a felicidade de vê-los reunidos, todos madurões e contudo tão crianças, o carinho, o cuidado, o contentamento que os une me faz sentir um tanto irmão deles, e ao mesmo tempo me fortalece a segurança de que, apesar de todas as ferocidades deste mundo, a índole do homem se inclina para a fraternidade.

Armando conseguiu um jeito próprio de contar. Sabe dar o seu testemunho, reunindo as três virtudes indispensáveis a um escritor: a clareza, a simplicidade e a propriedade de expressão. Observa e pondera, narra e comenta, descreve casos e histórias, ora com leveza, ora com gravidade, mas sempre com a linguagem própria dos que têm o que contar. E sabem como contar.

Em certas passagens percorridas de ternura, dei comigo lembrando o livro de minha mãe, dona Maria, *Um pouco de minha vida*. No qual me vejo melhor do que nos meus próprios livros.

Quero contar uma história. Uma vez, acho que em 58, reuni em minha casa no Rio de Janeiro uma turma da pesada, para celebrar o aniversário de Pixinguinha. Ari Barroso, Elisete Cardoso, Caymmi, Jorge Amado, Eneida, Donga, Manuel Bandeira, João da Baiana, João Condé. O choro da velha guarda não teve descanso. No dia seguinte, Manuel Bandeira, na sua crônica semanal no Jornal do Brasil, comentou: *O saxofone do Pixinguinha é um apelo irresistível à prática do bem*. Pois eu quero, eu devo dizer, que o livro de Armando é uma exortação à bondade humana.

Duas personagens especiais me levam a uma opinião mais singela. Uma ternura banhada de admiração (que era dele e de todos os seus irmãos) perfuma docemente o livro quando ele recorda instantes da gloriosa vida e o próprio momento da morte muito ativa de dona Santinha, sua linda mãe. Dona Santa, a quem eu tomava a bênção. Quando dona Santa perdeu o seu Tude, ganhou nove zelosos e constantes companheiros e uma irmã menor, sua única filha Maria Luiza.

E um afeto penetrado de respeito, enriquecido pela harmoniosa e festiva convivência com seus filhos e netos, que em filhos se transformaram, comove o coração do leitor quando ele fala enternecido de sua esposa Ivete. A mãe, a sua santa; a esposa, o seu anjo.

Presidente Robério Braga, entrei para a Academia, com menos de trinta anos e só dois livros publicados. Um menino aprendiz do ofício. Era um tempo em que não se exigia inscrição de candidaturas. Não havia eleições. Fui surpreendido na redação de *O Globo* com telegrama do velho Péricles que me dizia


membro da Academia Amazonense de Letras. E, no entanto, ao longo de quase meio século, só três vezes subi a esta tribuna. A primeira, de paletó e gravata, no dia da posse, memorável pela beleza da saudação do meu amado Djalma Batista; a segunda, em 65, de férias diplomáticas em Manaus, uma palestra sobre a necessidade da integração cultural da América Latina. Ao final, virei menino espantado, quando Waldemar Pedrosa e Álvaro Maia pediram a palavra para dar um agrado a este caboclo de Barreirinha.

Esta terceira e porventura derradeira vez, me fortalece de juventude (não de mocidade, que anda longe) pela força da minha fé na beleza criada pelo homem, fonte da alegria que o poeta Keats celebrava – *A thing of beauty is a joy forever*: a alegria que nunca se acaba. E porque cresce a minha convicção de que o trabalho e o respeito pela cultura ajuda a edificar o futuro de um povo, que se quer nação, orgulhoso de sua cidadania.

Robério, faço questão de reconhecer publicamente, que a Academia, sob teu comando, pela primeira vez passou a participar, força atuante, da dinâmica cultural do Amazonas.

Armando, escreveste um livro que é uma cristalina lição de amor.

Só me resta reparar um equívoco, conquanto generoso, do nosso novo confrade, quando me diz poeta dos grandes. Posso até ser o seu poeta predileto. Mas não sei se sou grande ou se pequeno, porque ainda não descobri a unidade para medir a poesia. Não encontrei a fita-métrica para medir o inefável. Não creio na importância de minha obra para a História da nossa literatura. Nada inventei de novo. Sei, sim, que importo para os meus muitos leitores, de cuja vida participo através dos meus



livros. Talvez porque neles encontrem a força da ternura,
o arco-íris da esperança e um ramo da luz da minha floresta.
Confrades meus, mulheres e homens que nesta noite se
reúnem na Casa de Benjamim Lima e Adriano Jorge,
guardem este recado: vale a pena trabalhar pela utopia.
Quero dizer que vale a pena ajudar, com a nossa vida e a
nossa arte, na construção de uma sociedade humana
solidária.

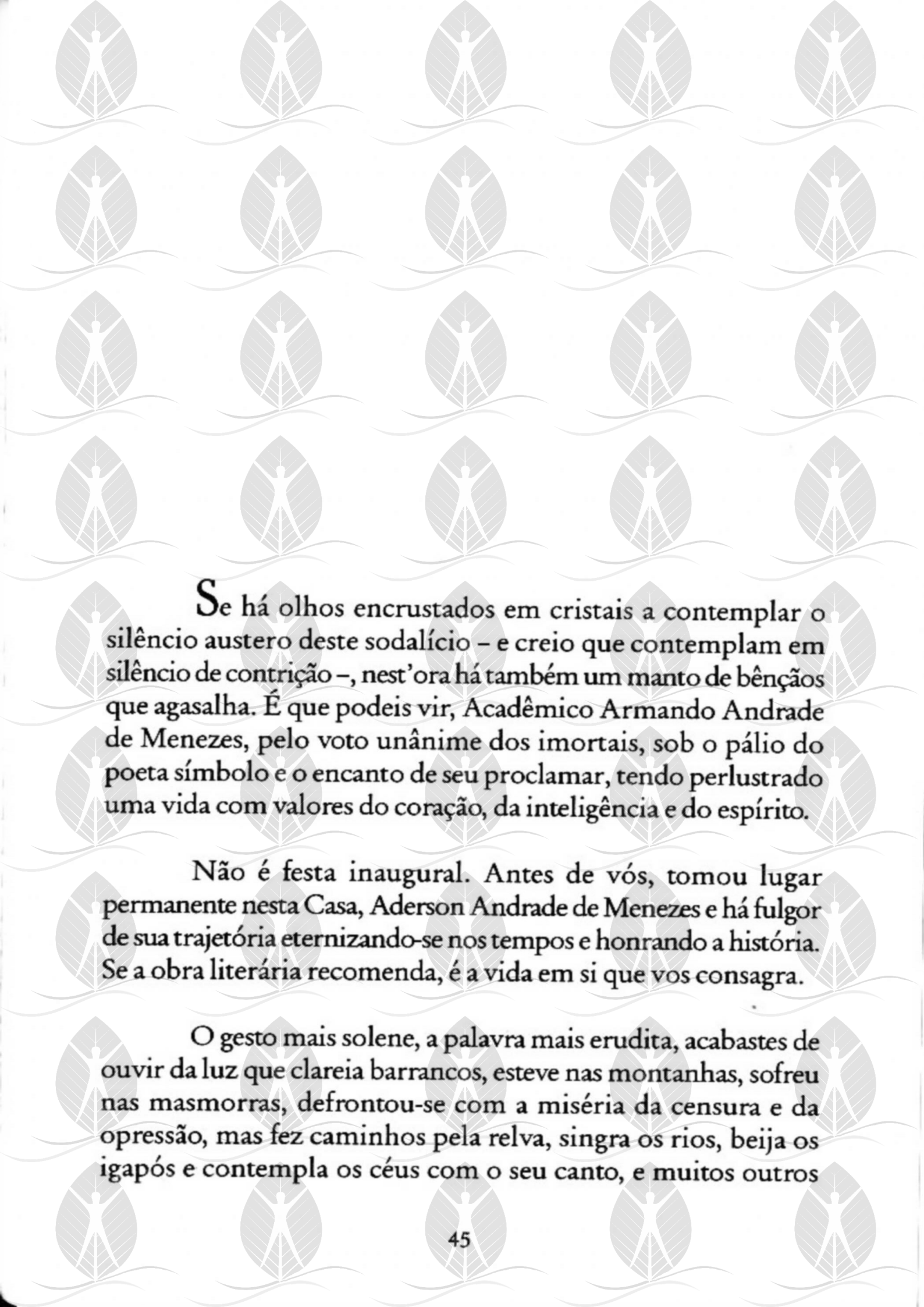
Fica o dito pelo dito.
E fique o meu coração.



Saudação do Presidente da Academia Amazonense de Letras



O Acadêmico Robério Braga, Presidente da Academia Amazonense de Letras, (centro) saúda o Acadêmico Armando Andrade de Menezes. Compõem também a mesa, da esquerda para a direita: Acadêmico Max Carpentier; Dr. Afrânio de Sá, Presidente do Tribunal de Contas do Estado do Amazonas; Desembargador Manuel Neuzimar Pinheiro, Presidente do Tribunal de Justiça e Governador do Estado do Amazonas, em exercício; acadêmico Oyama César Ituassú da Silva.



Se há olhos encrustados em cristais a contemplar o silêncio austero deste sodalício – e creio que contemplam em silêncio de contrição –, nest’ora há também um manto de bênçãos que agasalha. É que podeis vir, Acadêmico Armando Andrade de Menezes, pelo voto unânime dos imortais, sob o pálio do poeta símbolo e o encanto de seu proclamar, tendo perlustrado uma vida com valores do coração, da inteligência e do espírito.

Não é festa inaugural. Antes de vós, tomou lugar permanente nesta Casa, Aderson Andrade de Menezes e há fulgor de sua trajetória eternizando-se nos tempos e honrando a história. Se a obra literária recomenda, é a vida em si que vos consagra.

O gesto mais solene, a palavra mais erudita, acabastes de ouvir da luz que clareia barrancos, esteve nas montanhas, sofreu nas masmorras, defrontou-se com a miséria da censura e da opressão, mas fez caminhos pela relva, singra os rios, beija os igapós e contempla os céus com o seu canto, e muitos outros

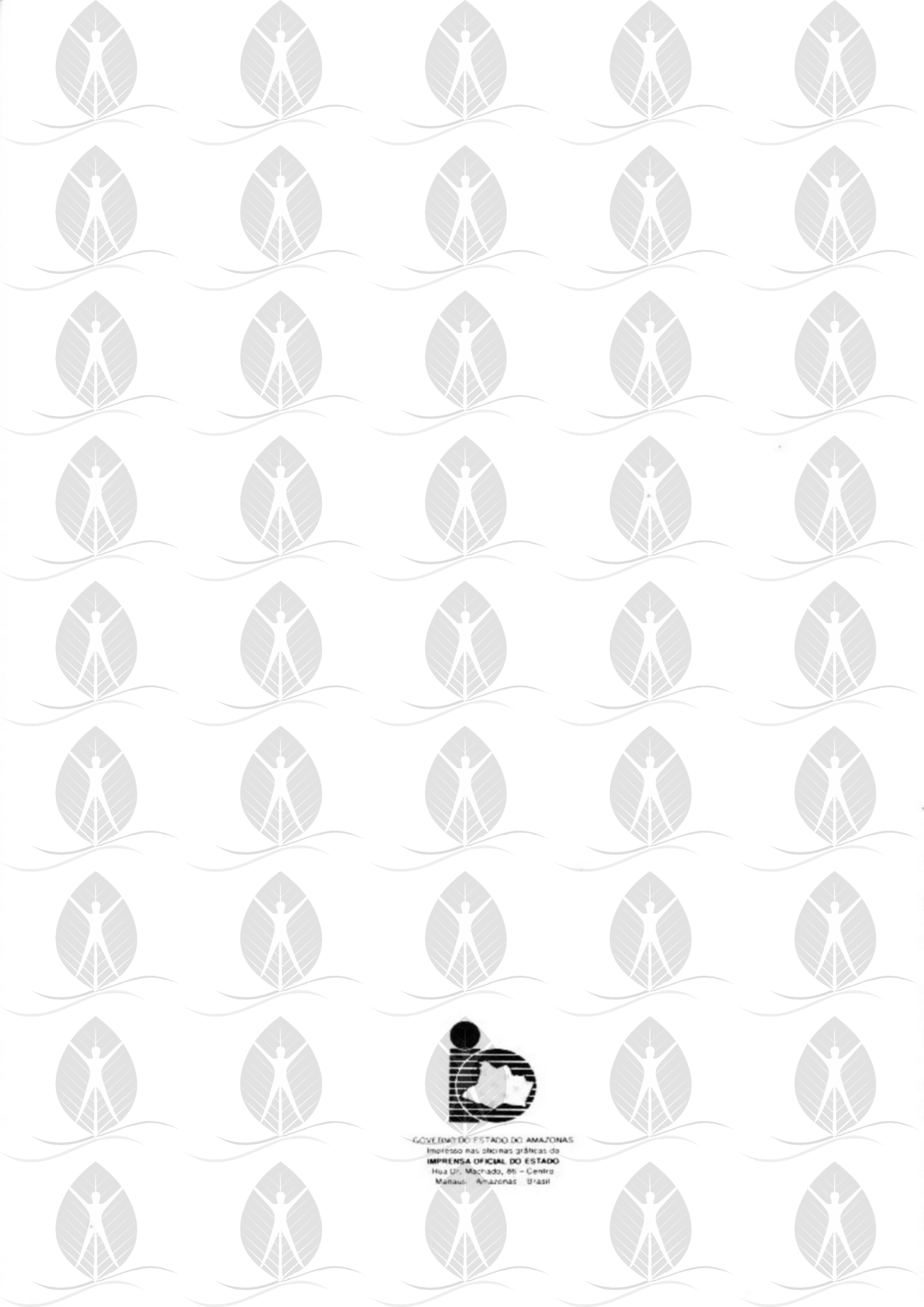
povos dizem o seu verso e falam de sua canção e a carregam como símbolo, faz muito, porque representa a liberdade.

Esta Casa o escolheu, quarenta anos são passados, e desde então somente hoje concede-lhe a tribuna para o ofício da recepção acadêmica. E ele purifica o altar da oração. Assim ouvistes o discurso de Thiago de Mello, o acadêmico ao qual conferistes o grau de irmão.

A fala presidencial, depois da consagração da imortalidade que a Academia pode conceder aos que conheceram a luz e a transformaram em sóis, digo-vos, não é imposição do protocolo, veste-se de gala para purificar na poltrona que acabais de ocupar o sentido da eternidade. Sois Acadêmico. As vestes lustrais de azul e ouro vos pertencem e com elas deveis romper os tempos, cultivando como bem sabeis fazer, os vínculos de convivência e de trabalho que mantêm a Academia Amazonense de Letras, e para o sempre, na hora em que a vossa luz se fizer majestade estelar deveis transformar-vos em olhos encrustados em cristais para permanecer nesta Casa que é de Adriano Augusto de Araújo Jorge, Aderson Andrade de Menezes e vossa.

Por mim, que conheço os jardins do amor pelo encanto de rosa, confio que tendes da vida a grandeza de viver e que nada deveis temer. O paraninfo dirá os caminhos, e aos que acolheram vosso convite para esta consagração somos gratos.

A Casa floresce em novas irradiações.



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
Impresso nas oficinas gráficas da
IMPRESA OFICIAL DO ESTADO
Rua Dr. Machado, 85 - Centro
Mauá - Amazonas - Brasil



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA